



**Bailão na
Caixa Cultural**
une a cultura
popular do DF
com seus **irmãos
nordestinos**
Página 15



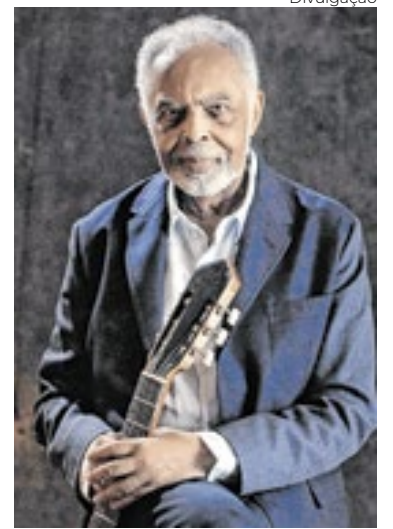
CONEXÃO
**CERRADO
PERNAMBUCO**



Avenged Sevenfold



Elton John



Gilberto Gil



Quatro dias de música para todos as tribos



Jota Quest

AFFONSO NUNES

O Rock in Rio volta a ocupar o Parque Olímpico a partir desta sexta-feira (4) e escolhe começar pelo seu território mais clássico: duas jornadas de rock, uma noite de pop e música eletrônica e um feriado de 7 de Setembro montado como encontro de gerações. Neste primeniro fim de semana (prolongado), a Cidade do Rock recebe Foo Fighters, Avenged Sevenfold, Calvin Harris e Elton John no Palco Mundo, mas a escalação do primeiro bloco ganha força justamente nos cruzamentos dos outros palcos — do Capital Inicial com Dado Villa-Lobos ao Jota Quest tocando Tim Maia, de Péricles cantando Motown a Laufey, uma das vozes do jazz-pop contemporâneo.

Na sexta, o Rock in Rio dá a largada com Foo Fighters. A banda de Dave Grohl fecha o Palco Mundo depois de Nova Twins, The Hives e Rise Against, em sua volta ao festival sete anos após sua última e avassaladora passagem na edição 2019 e quatro anos após seu maior baque. Em 25 de março de 2022, durante a turnê sul-americana, o baterista Taylor Hawkins morreu em Bogotá; o grupo cancelou todos os shows restantes daquele ano e fez, em setembro, dois concertos-tributo em Londres e Los Angeles.

A banda só retomaria a rotina de palcos em 2023, depois de lançar “But Here We Are”, disco gravado no luto e dedicado à ausência de Hawkins. Agora, em meio à turnê de 31 anos e ao lançamento de “Your Favorite Toy”, o Foo Fighters volta a uma escala de festival com canções do peso de “Everlong”, “All My Life”, “Times Like These” e “Best of You” sempre cantada a plenos pulmões por seu fiel público.

O Palco Sunset, por sua vez, oferece uma espécie de mapa do



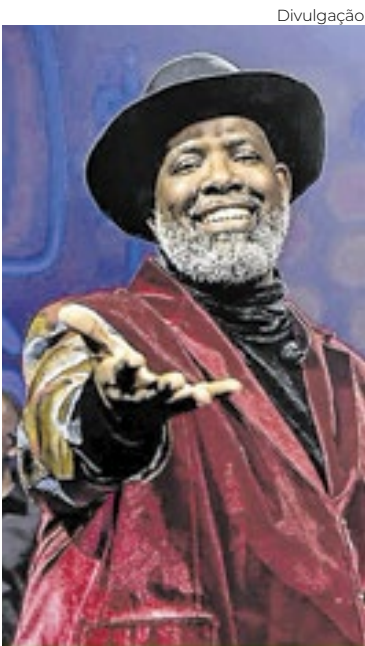
Sepultura

rock brasileiro dos anos 1980 para cá. O Capital Inicial leva ao palco o espetáculo “Música Urbana”, que cruza os grandes sucessos da banda com faixas do EP “Movimento” (2025) e recebe Dado Villa-Lobos, guitarrista, compositor e integrante da Legião Urbana. A parceria aproxima duas trajetórias que ajudaram a moldar a linguagem do rock de Brasília. Antes, Detonautas convida Biquini e Di Ferrero abre a programação. Na mesma

noite, a música eletrônica assume o New Dance Order com Steve Angello, Gius x Carola, ATKÖ e Cat Dealers; E Paulinho Moska encabeça o Palco Global Village.

O sábado aprofunda a vertente pesada do fim de semana. Sepultura abre o Palco Mundo em sua turnê de despedida, “Celebrating Life Through Death”, criada para celebrar 40 anos de carreira e que terá o último show em São Paulo, em novembro. O grupo carrega um

PROGRAMAÇÃO DE 4 A 7/9				
4 DE SETEMBRO PALCO MUNDO 00h05 - Foo Fighters 21h20 - Rise Against 19h00 - The Hives 16h40 - Nova Twins PALCO SUNSET 22h45 - Capital Inicial convida Dado Villa-Lobos 20h10 - Hot Milk 17h50 - Detonautas convidam Biquini 15h30 - Di Ferrero GLOBAL VILLAGE 19h10 - Paulinho Moska 16h50 - Leela 15h00 - Giovana Moraes	FAVELA 19h10 - Rodrigo do CN 16h50 - Hitmaker 15h00 - GBZ7N 5 DE SETEMBRO PALCO MUNDO 00h05 - Avenged Sevenfold 21h20 - Bring Me The Horizon 19h00 - MGK 16h40 - Sepultura PALCO SUNSET 22h50 - Bad Omens 20h10 - Poppy 17h50 - Black Panthera convida Nervosa 15h30 - Malvada convida Day Limns	GLOBAL VILLAGE 19h10 - Korzus 16h50 - Noturnall Russell Allen 15h00 - Rhegia FAVELA 19h10 - Major RD 16h50 - Canto Cego 15h00 - Quantum 6 DE SETEMBRO PALCO MUNDO 00h05 - Calvin Harris 21h20 - Black Eyed Peas 19h00 - Nelly 16h40 - Barão Vermelho Encontro Formação Original convida Fernando Magalhães	PALCO SUNSET 22h45 - Ne-Yo 20h10 - Jota Quest toca Tim Maia 17h50 - BaianaSystem 15h30 - Calema GLOBAL VILLAGE 19h10 - Mohamed Ramadan 16h50 - Mãeana 15h00 - Bento Gil convida Flor Gil FAVELA 19h10 - Xamã 16h50 - Rael 15h00 - Budah 7 DE SETEMBRO PALCO MUNDO 00h05 - Elton John 21h20 - Gilberto Gil 19h00 - Jon Batiste 16h40 - Luísa Sonza	convida Roberto Menescal PALCO SUNSET 22h45 - Laufey 20h10 - Péricles canta Motown 17h50 - Roupa Nova convida Guilherme Arantes 15h30 - Vanessa da Mata convida Rubel GLOBAL VILLAGE 19h10 - João Bosco 16h50 - Joyce Moreno, Leila Pinheiro e Fernanda Takai 15h00 - Wanda Sá FAVELA 19h10 - Belo 16h50 - Mart'nália 15h00 - Tíe



Périckles



Barão Vermelho - Formação Original



Jon Batiste



Capital Inicial

catálogo em que “Arise”, “Refuse/Resist” e “Roots Bloody Roots” se tornaram referências, com crítica social como elemento central. Depois vêm MGK e Bring Me The Horizon, banda formada em 2004 que transitou do metalcore para uma mistura de rock, hardcore, pop e eletrônico, antes do fechamento do Avenged Sevenfold. A banda californiana, criada em 1999, chega com uma trajetória que inclui “Nightmare” e “Hail to the King”,

discos que lideraram a Billboard 200. O Sunset do sábado é uma programação paralela de respeito. Bad Omens fecha o palco, depois de Poppy, Black Panthera com Nervosa e Malvada com Day Limns. O encontro entre Black Panthera e Nervosa põe em diálogo duas bandas brasileiras que renovam o metal por caminhos distintos; Malvada e Day Limns abrem a tarde. No New Dance Order, a escalação reúne Ja-

mes Hype, Volkoder, Camila Jun com Eli Iwasa e Victor Lou. Em outras frentes, o Global Village recebe Korzus, Noturnall com Russell Allen e Rhegia; o Supernova coloca Supercombo, Lvcas, MC Taya e ZeROBADASS no mesmo cartaz. Este último fará seu primeiro show ao vivo e apresentará o disco na Cidade do Rock. O domingo (6) troca as guitarras pelo pop, pelo R&B e pelas pistas. Calvin Harris fecha o Palco Mundo depois de Black Eyed Peas, Nelly e Barão Vermelho — Encontro Formação Original. O DJ e produtor escocês acumulou colaborações com Rihanna, Pharrell Williams, Frank Ocean, The Weeknd e Travis Scott, e ajudou a aproximar definitivamente a eletrônica do pop de estádio. O Black Eyed Peas chega com uma trajetória que mistura hip-hop, pop, eletrônico e ritmos globais; a presença de Nelly completa uma noite voltada aos hits da virada dos anos 2000. Fora do Palco Mundo, o domingo tem alguns dos projetos mais



Laufey

definidos do primeiro bloco. Ne-Yo fecha o Sunset com o repertório que fez dele uma das vozes do R&B pop dos anos 2000 — e com o peso de ser também autor de canções como “Irreplaceable”, de Beyoncé, e “Take a Bow”, de Rihanna. Antes, o Jota Quest apresenta seu novíssimo álbum “Jota Quest Toca Tim Maia”, espetáculo de homenagem ao mestre do soul brasileiro que também celebra quase três décadas de carreira da banda mineira. Baia-

naSystem e Calema completam o palco. No New Dance Order, Sofi Tukker, Liu, Casa Bonita — Brisotti & Viot — e Meduza estendem a noite. O Espaço Favela concentra Xamã, Rael e Budah; o Supernova recebe João Gordo & Asteroides Trio em “Blitzkrieg Psycho Bop Ramones 50”, Matanza Ritual, Bay-side Kings e O Escritório. O feriado de segunda-feira (7) é o dia de maior contraste dentro do Palco Mundo. Elton John fecha a noite em sua única apresentação no Brasil e no retorno aos palcos depois da pausa anunciada em 2023. O pianista e compositor britânico é dono de uma obra potente que atravessa o pop, o rock e o musical, e promete oferecer ao público versões ao vivo das autoralíssimas “Your Song”, “Rocket Man”, “Tiny Dancer” e “Can You Feel the Love Tonight”, entre outros hits globais. Antes de Sir Elton John, a noite propõe uma ponte de repertórios. Jon Batiste, vencedor do Oscar de melhor trilha sonora e do Grammy de álbum do ano, leva ao Palco Mundo um trabalho que cruza jazz, R&B, pop e gospel e tem o improviso como parte decisiva da apresentação. Gilberto Gil, com discografia de mais de 60 álbuns, chega com uma obra que atravessa MPB, samba, reggae, forró, rock, axé e ritmos africanos. “Palco”, “Drão” e “Toda Menina Baiana” são algumas das canções que o mestre vai levar à Cidade do Rock. Luísa Sonza abre a programação e convida Roberto Menescal, uma aproximação explícita entre o pop de sua geração e um dos nomes fundamentais da bossa nova. No Sunset, a segunda-feira também foge da fórmula. Laufey, cantora, compositora, produtora e multi-instrumentista islandesa-chinesa, fecha o palco com um som que liga jazz, pop e música clássica; ela se tornou a artista mais jovem a vencer duas vezes o Grammy de melhor álbum vocal pop tradicional. E talvez uma das grandes surpresas sessa primeira metade de festival seja o show “Périckles Canta Motown”, um emocionado tributo do maior vozeirão do nosso pagode à gravadora que revelou artistas como Stevie Wonder, Marvin Gaye e The Jackson 5. Mas não acabou... Anote aí: Roupas Nova recebe Guilherme Arantes e Vanessa da Mata chama Rubel. Na madrugada, Fatboy Slim assume o New Dance Order; Belo, Mart'nália e Tíe ocupam o Espaço Favela; João Bosco, Joyce Moreno, Leila Pinheiro, Fernanda Takai e Wanda Sá estão no Global Village. A Cidade do Rock abre às 14h, encerra às 3h e permite último acesso até meia-noite. Os ingressos diários dão livre circulação entre os palcos: R\$ 870 a inteira e R\$ 435 a meia-entrada no gramado. Confira, abaixo, a programação de sexta a segunda por palcos e seus horários aproximados.

Os embaixadores do reggae fusion

Banda jamaicana Third World se apresenta nesta sexta no Circo Voador com seu repertório clássico

Tem reggae clássico nesta sexta-feira (4) no Circo Voador. A jamaicana Third World se apresenta pela primeira vez no Brasil desde a morte de Stephen Cat Coore, em janeiro. Guitarrista, violoncelista e fundador do grupo, Coore foi a peça central de uma sonoridade que levou o reggae jamaicano a dialogar com soul, funk, jazz, rock e música erudita. Aos 53 anos de estrada, a Third World chega à Lapa para abrir o Festival Clássicos do Reggae, que em breve trará o Groundation.

O núcleo da banda que está



Third World chega aos 53 anos de estrada fundindo o reggae a outras sonoridades da black music

em atividade tem Richard Daley, baixista ligado à banda desde a fundação, em 1973; Tony Rupton Williams, na bateria e no djembe; os tecladistas e vocalistas Norris Noriega Webb e Maurice Gregory; AJ Brown, nos vocais principais; Richie Barr, no baixo; e Richard Wiggz Walters, na gui-

tarra. É Walters quem assume, no palco, a tarefa mais simbólica do conjunto: honrar a marca instrumental deixada por Cat Coore, cujo violoncelo e guitarra foram decisivos para que a Third World jamais soasse como uma banda de reggae convencional.

A história começa em Kingston,

quando Coore e o tecladista Michael Ibo Cooper criaram o grupo ao lado de Richard Daley. A formação se completou, em sua primeira fase, com Milton Prilly Hamilton nos vocais, Carl Barovier na bateria e Irvin Carrot Jarrett na percussão. A entrada posterior de Bunny Rugs como voz principal ajudou a conso-

lidar a identidade da banda, mas a ideia original já estava ali: fazer música jamaicana sem se fechar em uma só linguagem.

O repertório explica por que a Third World se tornou uma das principais pontes entre o reggae roots e o mercado internacional. “Now That We’ve Found Love”, releitura de canção dos O’Jays, virou seu maior êxito pop e levou a banda às paradas britânicas e americanas. “1865”, conhecida também como “96° in the Shade”, é um de seus hinos mais densos, com a memória da escravidão jamaicana atravessando o balanço do reggae. “Try Jah Love”, escrita e produzida por Stevie Wonder, dá outra medida da projeção conquistada pelo grupo no fim dos anos 1970.

A lista de canções fundamentais ainda inclui “Reggae Ambassador”, “Sense of Purpose”, “Forbidden Love”, “Jah Glory”, “Irie Ites” e “Cool Meditation” - um repertório que explica como a Third World trabalhou refrões pop, linhas de baixo dançantes, harmonias vocais e arranjos complexos sem abandonar a pulsação jamaicana. Foram mais de 20 álbuns de estúdio e nove indicações ao Grammy em uma trajetória que fez da banda uma referência de reggae fusion.

SERVIÇO

THIRD WORLD

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
4/9, às 22h
Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (meia)



O Samba de Caboclo evoca as raízes mais profundas da ancestralidade



Samba da Volta celebra a tradição das rodas de partido alto

As rodas se encontram na Lapa

O Circo Voador recebe neste sábado (5) duas maneiras de manter o samba em movimento. De um lado, o Samba da Volta, roda criada nas ruas cariocas em 2021 e hoje reconhecida por uma relação direta entre músicos e público. De outro, o Samba de Caboclo, mani-

festação que une samba de raiz e cantos de terreiro, com a ancestralidade afro-brasileira atravessando percussão, canto e dança. Entre as apresentações, o DJ Léo Black conduz a pista com seleção de música preta.

O encontro importa porque

Samba da Volta e Samba de Caboclo se apresentam neste sábado no Circo Voador

aproxima repertórios e experiências que não se confundem. O Samba da Volta nasceu de reuniões entre amigos e cresceu sem abandonar a lógica da roda: proximidade, improviso, convivência e circulação de repertório. Ao longo de cinco anos, o projeto passou a

ocupar diferentes espaços da cidade e formou um público fiel.

A referência do grupo está em formações como o Fundo de Quintal, mas o projeto não se reduz ao tributo. O repertório combina canções conhecidas, composições autorais e obras de autores menos presentes no circuito comercial. A escolha dá à roda um caráter de celebração e descoberta: há memória do samba brasileiro, mas há também o desejo de manter a conversa com o presente.

Já o Samba de Caboclo chega com uma dimensão própria. A proposta parte do diálogo entre o samba de raiz e os cantos de terreiro para celebrar os cabo-

clos e a herança afro-brasileira. É outro campo de referências, no qual música, corpo, espiritualidade e tradição se encontram. A percussão, o canto e a dança funcionam como linguagem coletiva e aproximam o palco de práticas culturais que se constroem na comunidade e na transmissão entre gerações. (A; N.)

SERVIÇO

SAMBA DA VOLTA + SAMBA DE CABOCLO

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa)
5/9, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



Entre as canções selecionadas, Cris Delanno vai apresentar uma parceria sua com o genial João Donato chamada 'Nosso Quintal'

Donatizar é sempre o melhor remédio

Cris Delanno celebra a obra singular de João Donato em apresentação neste sábado na Acaso Cultural

AFFONSO NUNES

Ela transita com naturalidade entre a bossa nova, o jazz e a canção popular e por isso é uma das nossas mais versáteis cantoras. É com essas credenciais que a cantora, compositora e instru-

mentista Cris Delanno apresenta o espetáculo “Donateando” neste sapabdo (5), na Acaso Cultural, em Botafogo. O show revisita a obra do pianista e compositor João Donato (1943-2023) a partir da bossa nova e do samba-jazz, suas linguagens musicais mais recorrentes. “A proposta é percorrer as diferentes

fases de Donato e deixar que a interpretação acontecer”, explica Cris, que notabiliza por seus balanços, pausas e deslocamentos harmônicos. Formada em Música Popular Brasileira pela Unirio, Cris Delanno soma 15 álbuns lançados e uma carreira que levou sua voz a diferentes países. A bossa nova é um dos

eixos de sua trajetória. Sua relação de Cris Delanno com o repertório donatiano vai além da admiração. Os dois construíram uma parceria musical, e o espetáculo inclui uma composição surgida desse convívio criativo. Trata-se de “Nosso Quintal”, de 2013, escrita por eles e pelo músico e produtor Alex Moreira (com quem Cris foi casada até sua morte, também em 2023). No repertório, “Bananeira” aparece como síntese dessa inventividade. A canção traz o suingue e o jogo rítmico que fizeram de Donato um compositor decisivo para a música brasileira. “Simples Carinho”, por sua vez, permite outra temperatura: a delicadeza da melodia e a voz de Cris abrem espaço para uma interpretação mais íntima. São duas portas de entrada para um cancionário amplo e riso farto, como o próprio Donato que tanta falta nos faz. Acreano de Rio Branco, João Donato foi um dos pilares na transição para a Bossa Nova, influenciando diretamente a batida de João Gilberto com sua síncope peculiar. Sua marca registrada ficou gravada na fusão genial entre o jazz norte-americano, os ritmos afro-cubanos e o samba.

SERVIÇO
CRIS DELANNO - DONATEANDO
Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo)
5/9, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 55

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

50 anos de dedicação ao cavaquinho

O cavaquinho ocupa o centro do palco da Audio Rebel nesta sexta (4), às 20h, no Audio Rebel. Henrique Cazes celebra 50 anos de dedicação ao instrumento. Ao lado do violonista de sete cordas Raphael dos Santos, Cazes percorre obras autorais, peças da coleção Música Nova para Cavaquinho e homenagens a Waldir Azevedo e Paulinho da Viola.



Os reis da paródia estão de volta ao Rival

Reis da paródia musical nas redes sociais, Edu Krieger e Natalia Voss voltam ao Teatro Rival Petrobras no neste sábado (5), às 19h30, com o espetáculo “Versos e versões: a vida em paródias”, que faz do repertório da MPB, do pagode e do pop brasileiro matéria para humor de observação. A cada apresentação, as letras são atualizadas para responder aos assuntos que ocupam conversas, telas e manchetes.



Forró da Gávea mostra canções de seu 1º disco

Pedro Miranda e o Forró da Gávea voltam ao Manouche nesta sexta (4) com o repertório do álbum “Amor Verdadeiro”, primeiro trabalho fonográfico do coletivo que se reúne para tocar junto desde 2018. O disco é uma declaração de amor ao forró e a seus mestres. O repertório atravessa baião, xote, coco, xaxado, rojão e arrasta-pé, com canções de Luiz Gonzaga, Dominginhos, Sivuca, Chico Buarque e Caetano Veloso.



Improvisações com Pedro Quental

A nova edição de Tudo é Som!, projeto do Manouche inspirado na ideia de Hermeto Pascoal de que toda matéria pode virar música, recebe neste sábado (5), às 21h, Pedro Quental e o Disabbato Jazz Quarteto. O encontro junta o universo instrumental do quarteto à voz de Quental, um dos nomes à frente do Monobloco, e abre espaço para improvisos entre jazz, soul e música brasileira.



CRÍTICA TEATRO | AS MARIAS DE BELÉM DO PARÁ

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Em 'As Marias de Belém do Pará', p diretor Eduardo Barata pratica um exercício de memória com imagens poéticas

Resgate afetivo

Ao rememorar sua ancestralidade, Eduardo Barata idealiza uma festa paraense evocada no palco. Escreve, com parceria de Elaine Moreira e

pesquisa de Claudia Chaves, um texto deleitoso revelando-se uma ode ao teatro, às mulheres e aos nortistas, nos quais a dramaturgia aglutina espinhas dorsais complementando-se.

A narrativa é situada no condo-

mínio Galharufa, em Copacabana, potencializando fatos históricos da trajetória profissional de oito artistas renomadas encontrando-se pela primeira em vez em cena, contribuindo para a sustentação de um resgate afetivo.

O diretor Eduardo Barata utiliza a memória como veículo poético em imagens impactantes. Decola seu espetáculo ao distribuir atores pelo público na procissão do Círio de Nazaré. A saudação da Ave Maria que apresenta as atrizes é tocante. Disponibiliza suas protagonistas para contarem suas histórias emocionantes, amalgamando suas experiências artísticas ao discutirem a

problemática condominial, numa referência clara ao ritual de passagem que um ator iniciante é apadrinhado por outro experiente. Movimenta com expertise seu elenco coadjuvante, que apoia a encenação.

Bete Mendes cita Camila Amado, Yara Amaral, Chica Xavier, Isabel Ribeiro, Vanda Lacerda, Aracy Balabanian, Françoise Forton, Glória Menezes e Laura Cardoso, com fotos irrompendo o prosaetno. Emocionada, lembra a galharufa que ganhou de Eva Wilma numa sala de ensaio conduzida pelo mestre Antunes Filho. Ítala Nandi relembra o Teatro Oficina e o primeiro nu no teatro brasileiro em plena

ditadura. Ivone Hoffman recorda que a dança a levou para o teatro e que Rubens Corrêa a socorreu para que ficasse no Rio. Maria Pompeu declama Vinícius de Moraes e comanda a oração do teatro, num momento pleno onde todos dão as mãos. Mariah da Penha rememora sua estada no grupo de Amir Haddad e a indicação ao Leão de Ouro concedida à Ruth de Souza. Veluma lembra o brilho de Tônia Carrero e Maria Della Costa, revelando ser a primeira manequim negra que desfilou sem alisar as madeixas. Hildegard Angel conta que trabalhou com Zé Celso em peça que virou a madrugada, e de sua trajetória como atriz ao lado de José Wilker e Tereza Rachel. Todas amparadas por Duda Barata, Cesar Werneck, Amanda Livia, Madu Emmerick, Juliane Andrade, Jhessy S, Miguel Petereit, Morgana Bernabucci e Giuliano Laffayette, além de Bárbara Vento, Camila Gonzalez, Maria Luiza Tonacio e Rohl. Joana Fomm não estava na sessão assistida.

A cenografia de Rostand Albuquerque remete à palha e aos barcos de miriti, originários do Pará. O figurino de Rute Alves valoriza as cores paraenses, com destaque para o vestido de Duda Barata ao cantar lindamente. Elisa Tandeta privilegia o azul para reminiscências. A direção musical de Marco André é embalada pelo carimbó, lambada, homenageando Fáfá de Belém, Joelma, entre outras.

Barata institui o afeto e faz com que o Pará, os artistas e o teatro não caiam em obsolescência.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Ira Barillo/Divulgação

Celebração e reinvenção

Em cartaz até o dia 13 no CCBB RJ, "Tudo Preto: uma re_vista" propõe fortalecer epistemologias negras, questionar hegemonias históricas — como a centralidade atribuída à Semana de Arte Moderna de 1922 e à branquitude intelectual na formulação da identidade nacional — e reafirmar a Companhia Negra de Revistas como patrimônio cultural e político do Brasil. Em cena, o elenco de atores-cantores dialoga com o texto original e com seus artistas precursores, em um ato de celebração, memória e reinvenção.



Lucas Freitas/Divulgação

Coragem para transformar

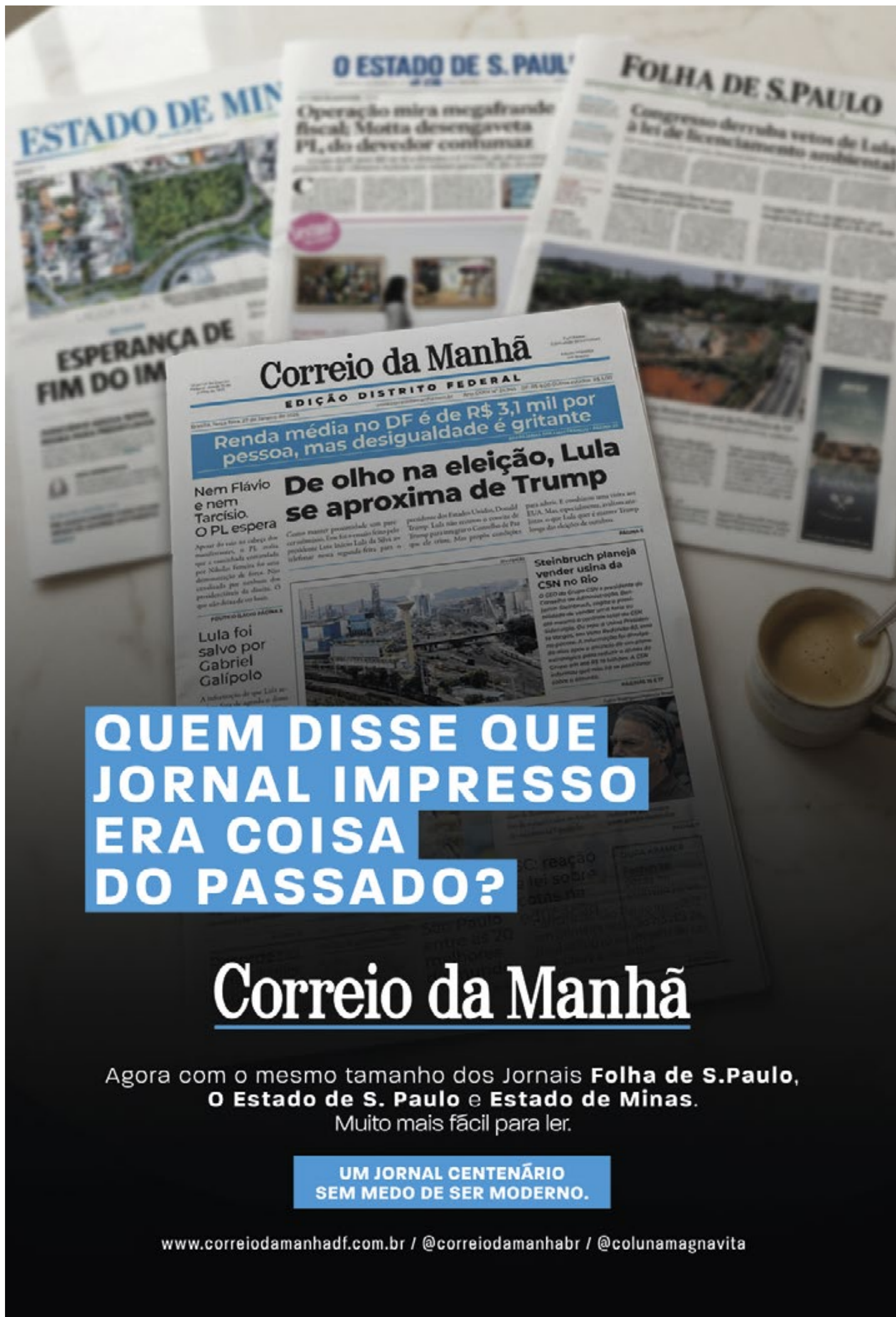
Em cartaz até o dia 8 no Teatro Raul Cortez, em Duque de Caxias, o espetáculo "Guerreiras!" celebra trajetórias femininas negras em concerto cênico, com canto lírico, teatro e piano. A montagem reúne obras da música de concerto, da canção brasileira e da música internacional, combinando canto teatro, projeções visuais e narrativa cênica para celebrar trajetórias femininas marcadas pela coragem e pela transformação social. O repertório dialoga com histórias de mulheres que desafiaram seu tempo.



Divulgação

A utopia de Ritinha

Espectáculo do premiado projeto Grandes Músicos para Pequenos, "Ritinha Rock and Roll - Rita Lee para Crianças" encerra temporada na EcoVila Ri Happy neste domingo (6). Com texto de Pedro Henrique Lopes, direção de Diego Moraes, direção musical de Guilherme Borges e coreografias de Naticha Travassos, o espetáculo mostra que ninguém é pequeno demais para ter sonhos grandes. A trama acompanha a história de uma menina cheia de imaginação que sonha em mudar o mundo com muito rock'n roll.



SEXTOU! UM DF DE

POR MAYARIANE CASTRO E REYNALDO RODRIGUES

LGBTQIA+

Eixão da Diversidade ocupa a 205 Norte

✱ A segunda edição do Eixão da Diversidade será realizada neste domingo (6), das 10h às 17h30, no Eixão do Lazer, na altura da 205 Norte, em Brasília. A programação gratuita reúne música, performances, poesia e duas rodas de conversa sobre direitos da população LGBTQIAPN+. Entre as atrações estão o cortejo Capivareta Repercussiva, o grupo Canto das Pretas, Hanna Amim e a DJ Ipê Ferraz. A programação drag terá Pérola Negra, Larissa West e Luwi Bloom, com apresentação de Victor Baliane. Kika de Moraes fará intervenções poéticas pela pista como a personagem Miss Bijú. As rodas de conversa terão como tema “Quem somos quando somos vistos? Direitos da personalidade, reconhecimento e presença LGBTQIAPN+ na cidade”. O primeiro encontro reúne Ruth Venceremos, Madu Krasny e Andrey Lemos, com mediação de Mafê Oliveira e Leilla Portela. O segundo terá Kiki Kleim, Symmy Larrat e Mu-kaíla Manika.

MÚSICA

Palipalan reúne música na Chapada em setembro

✱ O Palipalan será realizado nos dias 5 e 6 de setembro, na Chapada, com uma programação musical que reúne Afro House, Afropop, brasilidades, funk, disco, reggae e música eletrônica. O festival terá atrações diferentes no sábado e no domingo, com artistas ligados a gêneros e vertentes da música brasileira e internacional. No sábado (5), a programação começa com o Syon Trio, seguido por Paru, Luana Finger e SyruX. Os artistas apresentam trabalhos que transitam por referências eletrônicas, afro e música para pistas. No domingo (6), o reggae estará representado pelo Maneva. A programação continua com Lipe Napoli, ligado à cena eletrônica, Chicco Aquino, produtor e DJ, e Perdiz, que encerra o festival.

O Bando lança EP após quatro anos sem discos

✱ A banda O Bando lança nesta sexta-feira (4) o EP “Eu, Você e Mais Nada”, primeiro trabalho autoral do grupo em quatro anos. O projeto reúne



Divulgação



Divulgação

Gama com pagode por 12h

seis faixas inéditas e estará disponível nas plataformas digitais. O lançamento integra as comemorações pelos 15 anos de trajetória da banda. O EP retoma elementos presentes no início da carreira, como reggae e referências da música regional brasileira, ao mesmo tempo em que mantém características desenvolvidas pelo grupo ao longo dos anos.

Pagodão da Independência reúne atrações no Gama

✱ O Gama recebe, em 7 de setembro, o Pagodão da Independência 2026, evento de samba

e pagode que será realizado no estacionamento do Estádio Bezerrão, a partir das 14h. A programação terá 12 horas de duração e mais de 20 atrações. As apresentações serão distribuídas em dois palcos, com programação musical durante todo o evento. A edição reúne artistas do Distrito Federal e do Centro-Oeste, com diferentes gerações e estilos do samba e do pagode. Entre os nomes anunciados estão Banda Exthima, Luany, Samba e Magia, Elas Que Toquem, Jaque, Gabriel Vizzy, Lucas Alves, Papel Marchê, Clara Muniz, Bruno, Nosso Rolê,



Divulgação

Exposição no zoológico para o feriado

Jean Mussa, Milsinho, Hoje Eu Vou, Fala Comigo, Nossa Cor, Gigi, Dani Lemos, D'Grade, Ben-zadeus, Papo em Off, Mitiê do Brasil, Nossa Galera, Leozinho e Clima de Montanha.

ARTES VISUAIS

Mostra Muído em Aleijo lança catálogo em DF

✱ A exposição “Muído em Aleijo ou Aleijo em Miúdos” encerra a temporada no Museu Nacional da República com o lançamento do catálogo e uma roda de conversa nesta sexta-feira (4), das 19h às 22h.

A programação ocorre dois dias antes do fim da mostra e terá a participação da artista Lua Kixelô Cavalcante e dos curadores Gisele Lima e Likidah Mazindandú. O catálogo reúne registros das obras e do processo de realização da segunda exposição individual de Lua Kixelô Cavalcante. A publicação inclui uma entrevista com a artista sobre trajetória, pesquisa e produção, além de textos dos curadores. A programação será acompanhada de coquetel. A exposição permanece aberta ao público até 6 de setembro.

OPÇÕES DE LAZER

CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Ópera Fausto estreia em Brasília



Mameto Nadja é uma das atrações do evento



Exposição no Museu se encerra no domingo



Banda brasileira participa de festival de música

Zoológico de Brasília abre no feriado de 7 de setembro

*O Zoológico de Brasília funcionará na segunda-feira (7), feriado de 7 de setembro, com a exposição Conexões do Cerrado entre as opções de passeio para famílias. A mostra apresenta informações sobre fauna, flora, recursos hídricos e aspectos culturais do bioma por meio de experiências sensoriais e interativas. Instalada em um espaço climatizado dentro do zoológico, a exposição utiliza cenografia, tecnologia, jogos educativos, painéis sensoriais e atividades interativas. O percurso aborda espécies do Cerrado e apresenta informações sobre as características do bioma. Entre os conteúdos está a relação do Cerrado com os recursos hídricos. A exposição explica o motivo

pelo qual a região é conhecida como a “caixa d’água do Brasil” e apresenta informações sobre a importância das nascentes e dos cursos d’água.

TEATRO

Ópera Faust terá três sessões em Brasília

*A ópera “Faust”, de Charles Gounod, será apresentada pela primeira vez em uma montagem da Cia. de Cantores Líricos de Brasília, em três sessões no Teatro da Caesb, em Águas Claras. As apresentações serão em 6 de setembro de 2026, às 19h, e em 7 de setembro, às 17h e às 19h30. A entrada é gratuita, com retirada antecipada de ingressos pelo Sympla. As sessões contarão com recursos de acessibilidade. A classificação indicativa é de 10 anos.

CULTURA POPULAR

Ecos Ancestrais encerra ciclo com maracatu

*O projeto Ecos Ancestrais encerra seu ciclo de atividades com duas oficinas gratuitas dedicadas à transmissão de conhecimentos do Maracatu-Nação. As ações serão realizadas nos dias 4 e 5 de setembro, na Casa de Cultura do Guará, no Distrito Federal. Na sexta-feira (4), das 18h às 22h, Mameto Nadja Baléginam e Rifula Idákijan, de Pernambuco, conduzem a Oficina de Elementos do Cortejo do Maracatu-Nação. A atividade aborda os componentes que formam o cortejo do Maracatu de Baque Virado e sua relação com a história da manifestação. No sábado (5), das 15h às 19h, será realizada a Oficina de Baque Angola, com Mestre Hugo



Segunda edição do Caminhos de Exu confirmada no feriado

Leonardo e Submestre Ajenbê. A atividade apresenta práticas relacionadas ao toque e à organização do baque.

Caminhos de Exú ocupa praça na Asa Sul no feriado

*A Praça das Avós da Infinita Comunidade Criativa, na 506 Sul, recebe em 7 de setembro a segunda edição do Caminhos de Exú. O evento começa às 13h e terá entrada gratuita mediante a doação de 1 kg de alimento não perecível. A programação

é aberta a todos os públicos. Entre as atrações estão o DJ Vini Black, Batalá, Samba do Ilê, Filhos de Zé e a banda Makumbá, comandada por Kika Ribeiro. O espaço também terá feiras e microfone aberto durante a programação. O Caminhos de Exú é idealizado por Kika Ribeiro e produzido por Márcia Ramos. Segundo a organização, a iniciativa aborda temas relacionados à ancestralidade, cultura, fé, resistência, combate ao preconceito e ao racismo religioso.

ENTREVISTA | SUSANA GARCIA

CINEASTA

‘Comédia é como matemática: é precisa’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

A té o feriado de 7 de setembro, segunda agora, dado o frenesi com que o circuito exibidor está tratando “Minha Melhor Amiga”, é possível que sua diretora, Susana Garcia, tenha andado já algumas casas a mais no tabuleiro das maiores bilheterias brasileiras, de todos os tempos, com um novo recorde no currículo. O longa-metragem nacional mais visto no país, da década de 1970 para cá (quando as bilheterias passaram a ser apuradas oficialmente), é dirigido por ela: “Minha Mãe É Uma Peça 3” (2019). Soma 11.608.254 ingressos vendidos. Dois outros filmes da cineasta celebrizaram-se como blockbusters: “Minha Vida em Marte” (2018) vendeu 5.337.119 tíquetes e “Minha Irmã e Eu” (2023) atraiu 2.282.597 pagantes.

A julgar pela ânsia do público por seu novo trabalho na realização, recém-chegado às telonas, um novo fenômeno pode estar entre nós. Há um circuito imenso a serviço da comédia centrada na jornada da jornalista Julia (Mônica Martelli) e da corretora Clara (Ingrid Guimarães), do Rio de Janeiro à Península Ibérica, à caça de suas filhas (Giulia Benite e Gabi Amaral), que foram estudar no exterior. O longa-metragem foi lançado em 1531 salas de 773 cinemas, em 436 cidades do país. Pode ser o sucesso que nosso audiovisual sonhava ter, neste ano no qual a nossa maior receita, “Velhos Bandidos”, parou em 420 mil espectadores. Susana explica aqui a sua forma de filmar.

Que olhar o seu cinema busca construir a partir da condição feminina, trabalhando (de modo autoral) o tema do companheirismo?

Susana Garcia - Meu cinema parte muito das relações humanas e, naturalmente, do meu olhar como mulher. Interessa-me falar de mulheres reais, com contradições, fragilidades, força, humor, desejo, medo, em diferentes momentos da vida. Gosto muito de ver as pessoas se identificando, se reconhecendo nas personagens e se inspirando nelas. E o companheirismo aparece nos meus filmes porque eu acredito profundamente que a gente também se transforma através do outro. Seja numa amizade, num casamento, numa relação entre irmãs, entre mãe e filha/o. Uma amizade... um amor que te incentiva a ser a sua melhor versão e te impulsiona e te fortalece... isso é inspirador na dramaturgia. Em “Minha Melhor Amiga”, isso está muito presente. São duas mulheres maduras, com suas histórias, suas questões, seus medos que saem juntas numa viagem e conseguem ressignificar as suas vidas e descobrir que nunca é tarde pra recomeçar, mudar de direção. Eu faço comédias. Quero que as pessoas riem. Mas gosto que esse riso venha acompanhado de identificação e emoção.

A afetuosidade é a sua rota?

No fundo, estou sempre falando de afeto. E acredito que o companheirismo é uma das formas mais bonitas de afeto. Uma vez, eu e Paulo Gustavo estávamos na casa dele criando uma cena do “Minha Mãe É Uma Peça 3”. Ele falou: “Eu vou fazer esse Brasil rir muito, mas no fundo, o importante pra mim, é levar uma mensagem de amor”.

Você virou uma das cineastas de maior público das Américas. Qual é a identidade visual que você busca imprimir nesse cinema tão pop?

Nos meus filmes, a estética não é uma moldura da história. Ela faz parte da história. Está a serviço da história. Gosto de um cinema pop, bonito, sofisticado, mas que nunca seja estética pela estética. A imagem tem que acompanhar emocionalmente os personagens e ajudar a contar a história. Penso muito em cor, luz, figurino, arquitetura, locação, enquadramento. Gosto de construir um universo visual que seja atraente ao público, mas que esteja sempre em função da cena, que seja sempre o que for melhor para a história. Jamais faço um movimento de câmera porque eu acho interessante e isso vai acabar sendo mais importante do que a história que está sendo contada. Comédia é como matemática: é precisa. Se eu priorizar outras coisas na cena, como movimentos errados dos



J Matarun/Divulgação

“Nos meus filmes, a estética não é uma moldura da história. Ela faz parte da história. Está a serviço da história. Gosto de um cinema pop, bonito, sofisticado, mas que nunca seja estética pela estética”

personagens ou posicionamento e movimentos de câmera que não vão ao encontro da comédia, eu estaria prejudicando a cena de humor. O cinema que eu busco fazer é popular e acessível, mas existe muito

rigor por trás dessa aparente leveza. Eu quero que o público entre pela comédia, pelo prazer e pela beleza, mas que, sem perceber, seja levado a um lugar de emoção, identificação e inspiração.

Teu filme é visto como A esperança do ano para fazer as nossas bilheterias galgarem novo posto. De que maneira você avalia o cenário do mercado em que lança as tuas amigas, comparado com o que se via em tempos anteriores, em seus filmes anteriores?

Hoje o público está mais disputado e é preciso criar relevância com o filme para as pessoas serem convencidas a saírem de casa. Os dados mostram isso: em 2025, o Brasil teve 112 milhões de espectadores, enquanto o cinema brasileiro ficou com 10% desse público; em 2026, a própria ANCINE aponta uma participação nacional ainda menor, de 6,5%. Eu espero que “Minha Melhor Amiga” possa fazer parte de um movimento de reconexão do público com o cinema brasileiro, com a comédia brasileira. Quando lancei “Minha Vida em Marte”, “Minha Mãe é uma Peça 3” e, mais recentemente, “Minha Irmã e Eu”, a relação do público com a sala de cinema era diferente. Hoje nós disputamos a atenção das pessoas com muitas outras formas de entretenimento. Então não basta mais fazer um filme e colocá-lo em cartaz. Você precisa criar no espectador o desejo de sair de casa, de encontrar outras pessoas, de viver aquela experiência coletivamente. Eu acredito muito na força da comédia que emociona para fazer isso. A comédia brasileira tem uma capacidade enorme de criar identificação. Quando o público se reconhece na tela, quando ri e se emociona de alguma coisa que poderia ter acontecido na sua família, na sua amizade, na sua vida, ele cria uma conexão muito poderosa.

Qual foi o filme que te fez amar o cinema? Qual foi o filme que te fez querer fazer cinema? A que filme você volta sempre que precisa reafirmar seu amor pelo audiovisual?

Tem vários clássicos que fizeram parte da minha formação e é até difícil escolher um só. Os filmes do Charlie Chaplin foram marcantes. Depois vieram os filmes do Woody Allen, que me fizeram amar um outro tipo de cinema, baseado em personagem, relacionamento, contradição humana - que é o tipo de cinema que gosto de fazer. “Cinema Paradiso”. Toda vez que o assisto, eu me emociono. Ele confirma como eu gosto de filmes que me emocionam e me tocam. Você pode ter uma grande produção, uma técnica extraordinária, mas, no fim, o que fica é o que a história fez você sentir. É esse o cinema de que eu gosto de assistir e é esse cinema que eu tento fazer: um cinema que chega ao público.



Gael García Bernal, do México, à direita, dirige e estrea 'Hombre Al Agua'



Victor Di Marco em 'London'

Rugidos entre 'hermanos'

Longas latino-americanas como o brasileiro 'London' expõem as veias abertas de 'nuestro' continente nas telas do Lido, antes de 'Retorno a Buenos Aires' brigar pelo Leão de Ouro

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Rodado parcialmente em Porto Alegre, em coprodução com o Brasil, sob a direção do chileno de descendência italiana Marco Bechis, "Retorno a Buenos Aires" foi agendado pelo Festival de Veneza para a véspera do encerramento das atividades do evento, no próximo dia 12. Terá uma série de exibições nas diferentes salas que integram o complexo de auditórios e cines chamado La Biennale di Venezia no dia 11, em concurso pelo Leão de Ouro, sob o olhar atento de um júri que é presidido pela atriz e diretora Maggie Gyllenhaal.

Até lá, a maratona do Lido - aberta na quarta-feira com homenagem a George Clooney e a projeção de "Ink", de Danny Boyle - viverá um fim de semana onde o sangue latino é retinto de inquietações políticas. Não por acaso, um dos competidores mais visados desta edição (de número 83) se passa no Chile de 1973, o ano do golpe que derrubou o sonho de Salvador Allende: "Cavalo Selvagem Nove" ("Wild Horse Nine"). Seu realizador, o dramaturgo e cineasta Martin McDonagh (de "Três Anúncios Para Um Crime"), não é hermano, e, sim, um inglês nascido em Londres, mas seu protagonista, John Malkovich (numa interpretação forjada para lhe valer um Oscar), vive uma fase de investigação das cicatrizes governamentais do Chile. Nosso vizinho de continente é tema de peças recentes que o ator tem feito pelo mundo, inclusive



Olivia Nuss vive Muñeca em 'Retorno a Buenos Aires': América Latina na briga pelo Leão de Ouro

no Theatro Municipal.

Entre a prata da casa (feita na casa), no sábado, Veneza confere o longa gaúcho de tintas queer "London", escrito e dirigido por Victor Di Marco e Márcio Picoli, escalado na Semana da Crítica, seção paralela à caça aos felinos dourados. Seu CEP também é em Porto Alegre. Foi produzido pelas empresas Proa & Popa Produções e pela Balde de Tinta e tem distribuição da Retrato Filmes. Já foi assegurado pelo Festival do Rio 2026, que vai de 1º a 11 de outubro.

Em seu enredo, London (vivido por Victor Di Marco) é um jovem com deficiência que ganha a vida fazendo performances eróticas em uma casa de fetiche e tem a chance de descobrir a origem e o destino de sua deficiência através de um exame médico. Com os resultados

em mãos, ele terá que decidir se sua vida será guiada por um diagnóstico ou pelos seus sonhos. Ao se deparar com um mundo míope e distorcido à sua presença, o protagonista terá que reinventar forças para se libertar e descobrir quem realmente é, num mundo capacitista.

Nesta sexta, o Brasil dá o ar de sua graça no Lido, por meio da sagacidade do produtor Rodrigo Teixeira, cuja empresa, a RT Features, está no pavimento do longa libanês "Furies", de Rami Kodeih, escalado para a seção Venezia Spotlight. Seu roteiro revive o momento no qual o sistema bancário do Líbano congela todas as contas da noite para o dia. Ali, uma jovem descobre que o dinheiro da cirurgia que poderia salvar a vida da irmã está bloqueado. Sob a ação de um desespero profun-

do, as duas maninhas arquitetam um ousado assalto a banco.

Neste domingo, rola uma investigação documental à moda argentina, de tamanho GG, com foco na prosa do autor de "O Aleph" (1945): "Biografia de Jorge Luis Borges - Parte I", dirigido por Mariano Llinás. Serão 130 minutos de invenção de linguagem para trançar interseções da literatura com o audiovisual, num projeto que terá cinco horas. Llinás se debruça sobre vestígios materiais - como manuscritos originais, primeiras edições, cartas e fotografias - a fim de fazer uma cartografia do espírito borgeano.

Também no dia 6, o galã mexicano Gael García Bernal exibe em telas venezianas um exercício na praia da realização: "Hombre Al Agua". A brasileira Débora Nas-

cimento integra seu elenco, assim como o cantor Ricky Martin. Gael vive Camilo, um salva-vidas cubano, salva o empresário mexicano Abel (Jorge Salinas) de se afogar. Grato, Abel leva Camilo para o México, onde o rapaz se casa com a filha do rico, Juana (Esmeralda Pimentel), e eles têm um filho. Mas Camilo logo descobre que sua nova vida faz parte de um plano maquiavélico de manipulação e controle.

Neste fim de semana, paralelamente às festas da Pangeia latina, Veneza confere o lirismo do representante oficial da Coreia do Sul na briga por uma vaga na corrida do Oscar: "Possible Love". É o novo trabalho do artesão autoral Lee Chang-dong, diretor premiado na Croisette com "Poesia" (2010) e "Burning" (2018). O enredo de seu novo trabalho trata da história de dois casais: de um lado, está um trabalhador recém-demitido e sua esposa; do outro, há uma documentarista e seu marido. Os caminhos deles se cruzam para a realização de um documentário, enquanto enfrentam suas diferentes realidades e desejos ocultos.

Veneza anuncia sua premiação no dia 12, data em que se saberá a sorte de "Retorno a Buenos Aires" e de Marco Bechis (conhecido por "Terra Vermelha"). Estrelado pelo italiano Adriano Giannini, o filme reúne Paula Cohen e Eduardo Hoy, do Brasil, em papéis de destaque, além das atrizes argentinas Ana Celentano, Vero Gerez e Olivia Nuss. Cineastas de peso de nosso front autoral, como Cibele Amaral ("Momento Trágico") e André Ristum (de "Meu País") estão nos créditos de produção da fita.

Em "Retorno a Buenos Aires", o personagem central, Mariano Guerra (Giannini), é chamado a retornar à Argentina para testemunhar no julgamento dos militares que o sequestraram e torturaram durante a ditadura militar - a mesma que, em 1978, organizou a Copa do Mundo de Futebol enquanto o país vivia sob uma repressão clandestina. A história dialoga diretamente com a trajetória do próprio Bechis, que foi preso político durante a ditadura argentina, vivência que marca sua filmografia e confere ao longa um caráter testemunhal. Resta saber o impacto de seu relato sobre Maggie Gyllenhaal e demais juradas/os.

CRÍTICA FILME | GONZAGUINHA, DA MAIOR LIBERDADE

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Explsoivo em sua opção de acender o pavio da luta contra a censura, “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade” incendiou o Palácio dos Festivais de Gramado, em sua passagem pela competição de Não Ficções do evento, e desceu a Serra Gaúcha com o Kikito de Melhor Documentário. Sua destreza técnica é notável, tal qual sua manha para tomar plateias de assalto, afinando-se com o investimento afetivo que o Brasil faz no cantor e compositor citado no título.

Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991) se desenha nesse poema cinemático de Susanna Lira como um trovador libertário que pensou sua obra para ser uma conjuração poética, pautada pelo verbo “desagarrar”, aplicável tanto aos grilhões do querer tóxico quanto a vis interditos impostos por governos de quepe e farda. Mais prolífica documentarista das Américas na atualidade, La Lira modula os feitos de seu personagem num arranjo narrativo que supera as fórmulas biográficas convencionais, atomizando qualquer resquício de verbete de Wikipedia hoje muito associado ao filão dos “filmes de retrato”.

Faz um tempo que a diretora de “Torre das Donzelas” (2018), conhecida também por séries como “Casão, Num Jogo Sem Regras” (2022), rompeu com as linearidades ortodoxas da geometria da informação para investir nos fractais da poesia. Num exercício de genealogia,

Tatuagem afetiva da saudade



Luiz Gonzaga Júnior e Gonzagão, numa imagem de arquivo que Susanna usa em sua lira poética

seu novo (e dilacerante) filme evoca o trabalho da americana Shirley Clarke (1919-1997), a cineasta com quem Susanna mais parece dialogar, no Tempo, na História.

Basta uma frase colhida de uma sabatina da realizadora de “In Paris Parks” (1954) para que se entenda sua conexão com Fernanda Young: “Nunca tive certeza sobre o mundo

a que eu pertencço”. Shirley dirigiu 32 filmes entre 1952 (“Jelly Roll Morton”) e 1985 (“Ornette: Made In America”), consagrando-se como um dos pilares do documentário estadunidense. Fez o que se chama de avant-garde, em forma de curtas-metragens, e, como Susanna, galgou a excelência no terreno do .doc biográfico, com “Robert Frost: A

Lover’s Quarrel With The Woldr” (1963) e o magistral “Portrait of Jason” (1967). É o mesmo terreno no qual Susanna, filme a filme, série a série, afirma-se como uma das documentaristas mais indomáveis de nosso país hoje, vide “Nada Sobre Meu Pai” (2023) e “Mussum, Um Filme do Cacildis” (2019).

A máxima de Shirley Clarke

era: “Todo processo que desenvolve vem do fluxo do movimento e do ritmo da montagem, numa dualidade de fantasia e realidade que convivem juntas, em toda imagem filmada”. Essa tensão já estava no dialético “Fernanda Young – Foge-me Ao Controle” (2024), que colocou a dinâmica criativa de Susanna a um lugar de ensaio, a um jorro que, em “Gonzaguinha”, é tão incontinente quanto o da cabeça do bardo sobre o qual se debruça.

Um dos vetores encantatórios de atração nessa produção é o desempenho do ator André Dale encarnando Gonzaguinha numa prática processual de interseção entre documentário e ficção. Dale é a ferramenta que permite uma transcendência aos grilhões da conveniência imposta a um registro cinematográfico que demanda registros de arquivo para existir. O longa de Susanna existe (e resiste) para além deles. A relação de Susanna com Gonzaguinha, aliás, nasceu muito antes de ela imaginar transformar a obra dele em cinema. Ainda criança, a diretora ouviu “Grito de Alerta” no disco “Mel”, de Maria Bethânia, comprado por sua mãe. A canção ficou como uma espécie de tatuagem afetiva pintada a som, estrofes, saliva e suor. Sinestesia pura.

Na presença de Dale, Susanna faz o passado respirar e, sobretudo, embaralha fronteiras de fatos e invenções. O arquivo comprova; a ficção imagina; a montagem põe os dois a ppear.

CRÍTICA FILME | O SORVETEIRO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O perigo vem com calda de sangue e casquinha de ossos

Transformado em guloseima, no cardápio político do gênero terror, o filão slasher movie afiou seu corte para a Eternidade no esmeril estético de John Carpenter e seu “Halloween” (1977), abrindo-se sazonalmente para outras grifes. As mais perfurantes são as de Damien Leone (na saga “Terrifier”), de Ti West (em “MaxXxine”) e, num eixo mais farofa, de Eli Roth, ator e diretor que interpretou o Urso Judeu em “Bastardos Inglórios” (2019).

Ele explorou com pujança o estilo “tripas à mostra” desse eixo gramatical da narrativa horrorífica em “O Albergue” (2005) e “Feriado Sangrento” (2023). Arrisca

agora dar seu passo mais largo nessa caminhada com “O Sorveteiro” (“The Ice Cream Man”), que sabe ser eletrizante. Eli almeja ericar o moralismo trabalhando no registro da violência infantojuvenil, assolada por dois diabos, o infanticídio e a pedofilia, que nem o Inferno tolera. Não é nessas nojeiras que ele opera. Sua ideia é retratar como a América fabrica violência já na mais tenra idade, ao fomentar o ódio como um credo que se espalha - em metástase - já em fases mirins da vida. Fabrica, para isso, a metáfora de um doceiro que usa cremes gelados - em casquinha, com calda, mas manipulados - para fazer guris e gurias virarem



Um Chicabon do capeta é o meio usado por Smiley (Ari Millen) para transformar crianças em parasitas em ‘O Sorveteiro’

máquinas de matar. O tal Freddy Krueger por trás desse anti-Kibon se chama Jonathan Smiley e é encarnado com viço satânico por Ari Millen. Ele vira um ferrabras num mundo de hipocrisia, onde tudo soa falsa. A direção de arte, meticulosamente detalhista, ajuda um bocado a firmar essa percepção, num colorido exagerado, expandido pela fotografia de Simon Shohet, de modo a parecer as pinturas do american way of life do artista plástico Norman Rockwell (1894-1978). Roth só erra em não encontrar um tom preciso em sua montagem, que amplia o senso de perigo naquela sociedade de mentiras aparentes.

Inferno em festa:

40 anos de Dylan Dog



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Embora pertença ao site oficial de uma grife do mercado editorial, a Sergio Bonelli, uma das mais lucrativas usinas de produção de quadrinhos do planeta, a URL www.sergiobonelli.it/ está abrindo caminhos para a venda de ingressos de teatro, com foco numa peça idealizada para festejar as quatro décadas de seu best-seller mais pop: o espetáculo “Dylan Dog Horror Show”. Sua agenda vai de 22 de outubro a 10 de novembro, no palco da Sala Eliseo, em Roma.

Quem comanda a encenação é o diretor Valter Malosti, que opera a partir da dramaturgia assinada por Tiziano Sclavi (um mito das artes gráficas, aclamado como roteirista e escritor) e Nicola Russo. O foyer do Eliseo será transformado em um percurso imersivo inspirado na casa de seu personagem central: o Investigador do Pesadelo.

No Brasil, quem entrar no <https://www.lojamythos.com.br/> pode encomendar online a edição comemorativa dos 40 anos de criação de Dog, batizada aqui de “Ecos Do Pesadelo”. É uma antologia dos pesadelos curtos do já citado Tiziano Sclavi (criador de Dylan), em 24 histórias. Elas são desenhadas por grandes artistas da esquadra dylandoguiana. As 400 páginas desse almanaque são ilustradas por Giampiero Casertano, Corrado Roi, Angelo Stano, Montanari & Grassani, Bruno Brindisi, Giovanni Fregghieri, Enea Riboldi, Carlo Ambrosini, Franco Saudelli e Claudio Villa.

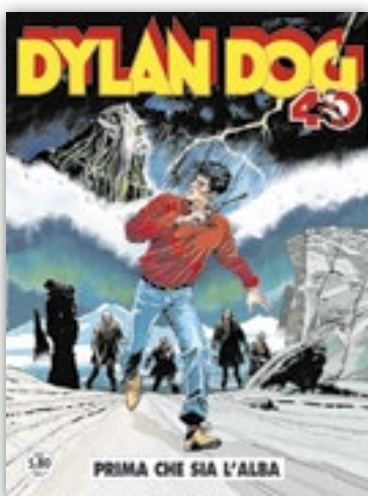
Na Itália, a pedida é a Graphic novel “Angoscia”, com desenhos de Carlo Ambrosini.

A partir de 18 de setembro, “Dylan Dog” ganha na Itália uma coleção especial de 41 volumes semanais, em capa dura e grande formato, lançada por “La Gazzetta dello Sport” e “Corriere della Sera”, em colaboração com a re-



Divulgação

O detetive especializado em casos sobrenaturais chega aos 40 anos com vários lançamentos saindo do forno na Itália e no Brasil



vista “Tv Sorrisi e Canzoni” e a Sergio Bonelli Editore. Batizada de “Dylan Dog – 40 anni di paura!” (“Dylan Dog – 40 anos de medo!”), em tradução livre), a série recupera algumas das aventuras mais representativas do chamado Investigador do Pesadelo.

Parido pela pena de Sclavi, Dylan Dog chegou às bancas em 26 de setembro de 1986, pela Sergio Bonelli Editore, embora a data editorial registrada para o primeiro número seja 1º de outubro daquele ano. Sua estreia aconteceu

Vivido no cinema por Ruppert Everett e Brandon Routh, o Investigador do Pesadelo, campeão de vendas de quadrinhos na Europa desde 1986, ganha HQs novas e peça de teatro

em “L'alba dei morti viventi” (“A Aurora dos Mortos-Vivos”, em tradução brasileira), história escrita por Sclavi, desenhada por An-



gelo Stano e com capa de Claudio Villa. Ex-policia da Scotland Yard transformado em investigador particular especializado em casos sobrenaturais, Dylan vive em Londres, toca clarinete, refuta comer carne vermelha, briga contra a dependência ao álcool e enfrenta fantasmas, monstros, assassinos e mortos-vivos, quase sempre sob uma perspectiva em que o horror funciona como porta de entrada para questões existenciais, afetivas e sociais.

A própria aparência do perso-



nagem nasceu de uma referência cinematográfica: Sclavi tomou o ator britânico Rupert Everett como modelo visual para seu herói. A ligação acabaria produzindo uma curiosa viagem de ida e volta entre quadrinhos e cinema. Everett protagonizou, em 1994, “Dellamorte Dellamore” (“Pelo Amor e Pela Morte”, no Brasil), de Michele Soavi, baseado no romance homônimo de Sclavi. O protagonista Francesco Dellamorte não é Dylan Dog, mas funciona como uma espécie de parente literário do investigador: os dois pertencem ao mesmo imaginário macabro e chegaram a se encontrar nos quadrinhos. A escalção de Everett reforçou deliberadamente essa conexão.

Dylan chegaria diretamente ao cinema em “Dylan Dog: Dead of Night” (“Dylan Dog e as Criaturas da Noite”), produção americana de 2010 dirigida por Kevin Munroe, com Brandon Routh no papel principal. Transferida de Londres para Nova Orleans, a aventura acompanha o investigador às voltas com vampiros, lobisomens e zumbis. O longa foi lançado comercialmente nos Estados Unidos em 2011 e chegou aos cinemas brasileiros em 12 de agosto daquele ano.

No próximo dia 26, na Europa, chega às bancas italianas “Prima che sia l'alba” (“Antes que amanheça”, em tradução livre), edição nº 481 de “Dylan Dog”. A capa será, por si só, parte da surpresa preparada pela Bonelli para celebrar o natalício de seu vigilante. A edição será publicada inteiramente em cores e, pela primeira vez na história da série, contará com quatro capas diferentes, além de uma embalagem inédita. O exemplar chegará às bancas dentro de um envelope especial opaco, que impedirá o leitor de saber previamente qual das quatro capas recebeu, transformando a própria abertura da edição comemorativa em parte da celebração.

Pelo tanto que já nos salvou de seres infernais, Dylan Dog merece esse mimo todo e muito mais.

CRÍTICA SÉRIE | CEM ANOS DE SOLIDÃO

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Há quase 70 anos,
a solidão em Macondo

Lector é aquele ser que reconhece na vida real momentos literários. Esta semana, por alguns instantes, o Rio virou Macondo, com a revoada dos bichinhos de luz. É fim de inverno, mas nesses trópicos de estações pouco marcadas, tudo se embola devido ao aquecimento global – renegado por uns, preocupante para todos os seres racionais que admiram a cidadezinha criada pelo colombiano Gabriel García Marquez para representar sua terra natal, Aracataca, hoje ponto turístico graças à criação de seu filho mais notável.

Descobri aquele universo quando, madura adolescente, na primeira madrugada de insônia da vida, devorei “Cem anos de solidão” com a voracidade das formigas de Macondo. No dia seguinte, dormi em todas as aulas na faculdade.

Passaram-se uns 45 anos até eu voltar às ruas de terra do lugarejo fundado pelos Buendia. Temia que a série da Netflix apagasse as imagens que eu criara para o romance que me levou à leitura de quase tudo o que Gabo escreveu. Ao contrário, contribuíram para aprimorar o cenário daquela saga familiar e do



A adaptação de ‘Cem Anos de Solidão’ produzida pela Netflix teve o mérito de reforçar as imagens criadas pelo célebre romance de Gabriel Garcia Marquez que conta a saga dos Buendía

povoado praticamente esquecido pelos governantes até a chegada da United Fruit Company, a multinacional norte-americana que explorou plantações de banana na Colômbia e em outras nações latino-americanas, e, paralelamente, à Guerra dos Mil Dias, o embate civil, entre 1899 e 1902, no qual morreram cerca de 100 mil pessoas e o país perdeu a região do Panamá.

Os episódios históricos que compõem o pano de fundo de “Cem anos de solidão” jamais se sobressaem à singularidade dos Buendia e de seus agregados. São personagens multifacetados, cuja bondade se alicerça na crueldade exigida para a sobrevivência em tempos difíceis. O tímido e romântico Aureliano Buendia se torna o temido coronel, que enfrenta um pelotão de fuzila-

mento na abertura do romance. De início, o povoado resiste à opressão da fé católica, embora o misticismo esteja totalmente integrado à realidade dos habitantes de Macondo, que abraçam o sobrenatural com a tranquilidade sincrética dos latino-americanos.

O reencontro com Aurelianos, Arcádios, Remédios, Úrsulas e Amarantas, entre tantos, continua encan-

tador. García Marquez era um mago, alquimista das palavras, de uma sonoridade colorida que lembra os tons de Jorge Amado, aqueles títulos exuberantes, poéticos, chicleados na mente. Tudo pincelado por as-sombrações, longos períodos de chuva ou de insônia entre os moradores, maldades, canalhices, gente que sobe aos céus em vez de morrer, faz revolução, reclama das condições de trabalho com a United Fruit Company e arruma sempre tempo para se acabar de paixão. A cada revoada de mariposas com o calor ou a temporada de chuva incessante – que, felizmente, não chega a quatro anos quatro anos, onze meses e dois dias –, tão comuns nos trópicos, não há como deixar de pensar em Macondo.

Em maio de 2027, “100 anos de solidão” completa 60 anos de publicação, que devem ser celebrados com novas edições, lembrando que o livro impulsionou, na década de 1960, o boom da literatura latino-americana mundo afora, capitaneada por Gabo, pelo peruano Mario Vargas Llosa, o argentino Julio Cortázar e o mexicano Carlos Fuentes. Hoje, é possível encontrar o texto por preços variados, entre R\$ 50 (em sebos) e até R\$ 180, os volumes fartamente ilustrados, geralmente com desenhos representando a árvore genealógica das sete gerações de Buendia. Assim atendem à maior reclamação de quem não consegue se entender com a repetição dos nomes dos personagens – um hábito arraigado nas famílias latinas – e também à crítica mais rasa que um clássico da literatura pode receber.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

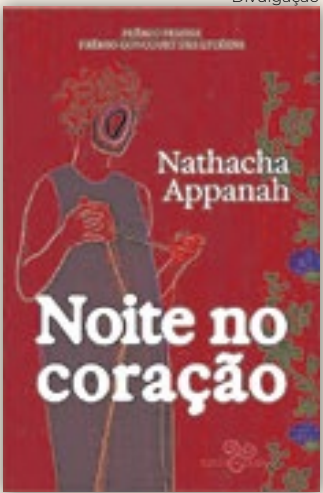
EM MEIO A APAGAMENTOS

A cineasta e artista plástica paraense Jéssica Paola lança este domingo (6), durante a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, “Meu Nome é um Lugar Longe” (Hecatombe, R\$ 40). Os contos tratam de mulheres que enfrentam monstruosidades em histórias entrelaçadas de apagamentos e reconstruções do eu, investigando identidade, pertencimento, afeto, deslocamentos e alteridade. Radicada no Rio de Janeiro, a autora fundamenta sua obra na oralidade amazônica e nas vivências da selva urbana carioca, além de sua própria experiência de deslocamento pelo país, entremeadas às narrativas do pai, que vive no Maranhão, e da mãe, cearense.



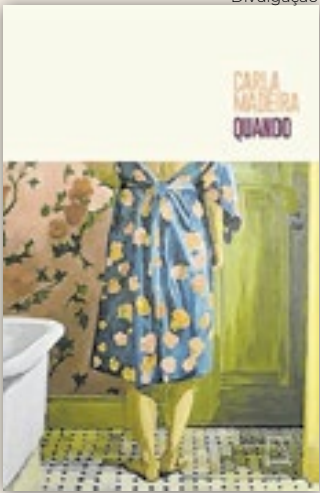
SILENCIADAS PELO MEDO

Traduzido em mais de quinze países, “Noite no coração” (Bazar do Tempo, R\$ 80) recebeu, entre outros, os prêmios Femina e Goncourt des Lycéens, na França. Nascida nas Ilhas Maurício, Nathacha Appanah conta os antecedentes de dois feminicídios e seu próprio histórico de vítima de violência, que conseguiu escapar da morte pedindo a proteção da família. Nos três casos, os agressores eram companheiros das mulheres. Além de relatar os processos judiciais dos dois assassinos, Natacha discute as pressões que levam mulheres a se recolherem em silêncio, mantendo segredo sobre os maus tratos sofridos, tanto por constrangimento quanto por temor de que a violência seja dirigida a outras pessoas próximas a elas.



PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

Preconceito e violência caminham lado a lado em “Quando” (Record, R\$ 69,90), da mineira Carla Madeira, a atualmente mais lida escritora brasileira. Ambientado na década de 1980, o romance traz uma família que se mantém próxima apesar do sofrimento pela incompreensão: a mãe, muito doente, aguarda a visita do filho que denunciou à polícia por violência homofóbica. Depois de cumprir pena, o filho jamais retornou ao convívio familiar, e a mãe passa vinte anos esperando revê-lo, cuidada pelas duas filhas, uma delas homossexual. Desde 2023, a escritora se transformou no maior sucesso de ficção em literatura brasileira, tendo vendido mais de 1,4 milhão de cópias de seus três romances anteriores.



Por Mayariane Castro

O Festival Bailão no Cerrado será realizado neste fim de semana, no sábado (5) e no domingo (6), com apresentações de grupos e artistas do Distrito Federal e de Pernambuco e quatro oficinas gratuitas.

A programação será concentrada na Caixa Cultural Brasília e no Centro Tradicional de Invenção Cultural, com atividades voltadas a manifestações como pífano, coco, forró, samba de roda, mamulengo e bumba meu boi. A entrada para as apresentações é gratuita, mediante retirada de ingresso.

Organizado pelo grupo As Fulô do Cerrado, o festival terá oficinas no sábado e apresentações no domingo (6). Os shows ocorrerão no estacionamento da Caixa Cultural Brasília, das 15h às 23h. Entre os participantes estão Mestre João do Pife, Vitória do Pife, Coco Raízes de Arcoverde, Boi de Seu Teodoro, Vereda dos Mamulengos, Sambadeiras de Roda, Ventoinha de Canudo, Tawá Tingá e As Fulô do Cerrado. A DJ Beira Mundo fará a programação musical nos intervalos.

Troca de saberes

A programação reúne artistas de diferentes gerações e coloca em circulação práticas relacionadas à música, à dança, à fabricação de instrumentos e a outras formas de expressão da cultura popular. Segundo a organização, a proposta é promover a troca de saberes entre grupos do Distrito Federal e de Pernambuco e abordar as relações entre cultura, território, memória e Cerrado.

As atrações não se resumem



As Fulô do Cerrado promovem o encontro da cultura do DF com os artistas pernambucanos

O Cerrado baila na Caixa Cultural

Festival reúne a cultura popular do DF com atrações nordestinas

somente à Caixa Cultural. Os pernambucanos João do Pife e Vitória do Pife participam ainda de uma oficina dedicada à fabricação do instrumento, pife ou pífano, um tipo de flauta. A atividade será realizada no Centro Tradicional de Invenção Cultural, na 813 Sul,

das 10h às 12h de sábado, com 20 vagas e classificação indicativa de 14 anos.

Na Caixa Cultural Brasília, no mesmo horário, o Coco Raízes de Arcoverde conduz a oficina Coco Trupé. A atividade aborda dança, percussão e aspectos da manifestação pernambucana e terá 25 vagas,

com classificação livre. No período da tarde, Vitória do Pife ministra a oficina Toques de Pife, das 14h às 15h50, com 15 vagas. O conteúdo inclui prática do instrumento, técnica, sonoridade e repertório das bandas de pifanos.

A última oficina do sábado será de Percussão no Forró, conduzida por As Fulô do Cerrado, das 16h30 às 18h30, na Caixa Cultural Brasília. A atividade trabalhará ritmos de xote e baião a partir do uso de triângulo, zabumba e pandeiro. Serão 25 vagas, com classificação indicativa livre. As inscrições para as oficinas são gratuitas.

O DF abraça Pernambuco

Um dos objetivos é aproximar os artistas populares de Brasília com os grupos nordestinos

No domingo, a programação começa às 15h com o Vereda dos Mamulengos. Às 15h40, será realizado o cortejo do coletivo Tawá Tingá. As Sambadeiras de Roda entram às 16h40. Às 17h40, Mestre João do Pife e Vitória do Pife apresentam-se juntos. O Boi de Seu Teodoro está programado para as 19h.

Às 20h, será a vez de As Fulô do Cerrado, grupo responsável pela realização do festival. A apresentação marca o lançamento do primeiro álbum da formação, "De Rio a Rua". O trabalho

integra a trajetória de dez anos do grupo brasiliense, formado por cinco mulheres que pesquisam ritmos, instrumentos e práticas da cultura popular brasileira.

A programação segue às 21h com o Ventoinha de Canudo e termina às 21h40 com o Coco Raízes de Arcoverde. A DJ Beira Mundo estará nos intervalos entre as apresentações.

Os grupos do Distrito Federal ocupam parte da programação.

O Boi de Seu Teodoro leva ao evento a tradição do bumba meu boi. O Vereda dos Mamulengos



De Pernambuco, o som e a cultura do pife, em shows e oficinas

participa com a linguagem do teatro de bonecos. As Sambadeiras de Roda apresentam a tradição do samba de roda, enquanto Ventoinha de Canudo e Tawá Tingá completam a programação local.

O encontro entre artistas do

Distrito Federal e de Pernambuco é um dos eixos do projeto.

A organização afirma que as atividades foram estruturadas para aproximar mestres, grupos tradicionais e novas gerações, com transmissão de conhecimen-

tos ligados a instrumentos, ritmos, danças e práticas coletivas.

A realização ocorre com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC), da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Distrito Federal.

Van Papilo

Divulgação

Poder, dinheiro e política vestem a moda

Livro aborda as relações entre vestuário, capitalismo e questões de gênero

Marcelo Camargo/Agência Brasil

Por Mayariane Castro

A jornalista e pesquisadora Iara Vidal iniciou a campanha de pré-venda do livro “Moda, a Filha Predileta do Capitalismo — O que a roupa que vestimos revela sobre o mundo que habitamos”.

A obra será publicada pela Editora Alameda e tem lançamento previsto para ainda este ano.

A campanha está disponível no Catarse e busca viabilizar a publicação e ampliar a circulação do livro em universidades, coletivos, clubes de leitura e espaços de discussão sobre moda e sociedade.

O livro analisa a moda como um fenômeno relacionado à política, economia e relações sociais, com grande foco no capitalismo.

A autora parte da questão sobre o que as roupas utilizadas no cotidiano podem revelar a respeito da sociedade e investiga como o vestuário se relaciona com poder, identidade, consumo, trabalho e transformações culturais.

A obra percorre a história da

moda moderna e estabelece relações entre o desenvolvimento do setor e diferentes momentos históricos. Entre os períodos abordados estão a Revolução Francesa e a formação da indústria da moda, chegando ao contexto atual, marcado pela circulação de tendências nas redes sociais e pelo uso de algoritmos na definição de padrões de consumo.

O conteúdo também trata da formação da indústria da moda e de sua relação com o capitalismo, das condições de trabalho e das cadeias produtivas internacionais, das relações entre moda e gênero, do consumo e da formação de desejos, dos impactos ambientais do setor e das disputas em torno da produção e do consumo no século 21.

Questão política

Na apresentação da obra, Vidal afirma que o livro propõe observar a moda como uma questão política.

A abordagem combina pesquisa histórica, análise política e experiências da autora para discutir o vestuário como uma forma de co-



Ainda que adote muitas vezes a cultura popular, é a indústria que dita os rumos da moda

municação e como parte de processos econômicos e sociais.

A relação de Vidal com o tema começou na infância, a partir da convivência com a mãe, que trabalhava com costura para complementar a renda familiar. A experiência permitiu que a autora acompanhasse processos relacionados à produção de rou-

pas e ao trabalho manual. Anos depois, durante a atuação como jornalista em Brasília, Vidal passou a observar também a relação entre vestuário e política. O trabalho na cobertura jornalística aproximou a autora dos códigos visuais presentes em ambientes institucionais, incluindo os espaços de poder político.

Essa trajetória aparece no livro como parte da construção da análise sobre a moda. A autora relaciona experiências pessoais, pesquisa e observação profissional para discutir como roupas podem carregar informações sobre grupos sociais, posições políticas, relações econômicas e identidades.

Sobre as mulheres, identidade e controle

As roupas e seus padrões estabelecem uma ditadura sobre o corpo feminino

Essa trajetória aparece no livro como parte da construção da análise sobre a moda. A autora relaciona experiências pessoais, pesquisa e observação profissional para discutir como roupas podem carregar informações sobre grupos sociais, posições políticas, relações econômicas e identidades.

Antes da publicação do livro, Vidal já havia desenvolvido pesquisas e trabalhos jornalísticos sobre a relação entre moda, política e sustentabilidade. Em 2021, publicou o texto “Moda, a filha predileta do capitalismo” na coletânea “Revolução da Moda: Jornadas para a sustentabilidade”, organizada por Eloísa Artuso e Fernanda Simon.

A nova obra amplia essa dis-

cussão e reúne diferentes aspectos da cadeia da moda. Entre eles estão a produção de matérias-primas, a fabricação das peças, as relações de trabalho, a circulação de mercadorias e o comportamento dos consumidores. A sustentabilidade aparece no livro relacionada aos impactos ambientais da indústria e aos desafios colocados pelo modelo de produção e consumo. A autora também aborda a velocidade das tendências e o papel das plataformas digitais na formação de hábitos e desejos de consumo.

Moda e gênero

Outro eixo da obra é a relação entre moda e gênero. O corpo feminino é tratado como espaço de disputas relacionadas a padrões



A jornalista e pesquisadora vive hoje na China

sociais, identidade e controle. A análise considera como roupas e formas de apresentação do corpo podem participar de processos de representação e diferenciação social.

A autora também investiga a dimensão política das roupas. Ao longo da história, peças, cores, cortes e acessórios foram utilizados para expressar pertencimentos, posições e rupturas. O livro

relaciona esses usos a transformações sociais e políticas ocorridas em diferentes períodos.

Atualmente, Iara Vidal vive em Pequim, na China, onde trabalha com comunicação internacional e produz conteúdos relacionados ao país, política, cultura e sociedade. A mudança para a China ocorreu depois da conclusão do livro. É a partir da nova cidade que a jornalista conduz a campanha de pré-venda e prepara a publicação da obra no Brasil.

A campanha no Catarse oferece diferentes modalidades de apoio. A iniciativa pretende financiar a publicação e ampliar o acesso ao conteúdo, incluindo a circulação do livro em universidades, coletivos, clubes de leitura e espaços de debate.